

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs. Fóra do reino accresce o porte do correio. Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha. Annuncios e communicados, a 50 rs. a linha. Repetições..... 25 rs. a linha Annuncios permanentes 5 » Folha avulso..... 40 reis

ELEIÇÕES E FESTAS

O ministerio provoca confiadamente a lucta com os republicanos. Marcha de cabeça erguida para o perigo, não duvidando arriscar tudo n'uma cartada.

A felicidade, um bom resultado, tem-lhe coroado de exito o seu arrojo. Assim essa felicidade, o resultado obtido tivesse vantagens praticas, e não o dourasse, em falsos brilhos, a apparencia, que dá o poder dimanado do governo.

Mas o ministerio não pôde exigir mais: não pôde tambem arremessar para longe os systemas empregados durante todo o periodo do constitucionalismo, sem chamar sobre si os odios com que são cobertos todos os innovadores.

Nas eleições defrontou-se com o partido republicano, que já vinha mettendo medo a tres ministerios: na viajata da familia real ao norte, provocou os republicanos do Porto, fazendo entrar n'esta cidade el-rei, o qual percorreu as mesmas ruas, que haviam seguido os revoltosos de 31 de janeiro.

Na barcaça ministerial, firmemente dirigida, vae como timoneiro o habil ministro da fazenda e como piloto o fino ministro do reino; e espicando-os, incitando-os com a sua coragem masculina está o enérgico ministro das obras publicas. E é por isso que, apesar do mar ser bastante revolto e as ondas baterem com furia no costado, a barcaça zingra direita até... Até onde?

Ninguém sabe para onde se dirige toda essa energia ministerial.

Houve a renhida lucta eleitoral do municipio de Lisboa. Venceu o ministerio como não podia deixar de vencer attentos os meios de corrupção, que pôde empregar: attento o grande numero de empregados de que dispõe. Muito antes das eleições era de prever a grande maioria governamental, mesmo sem a adhesão do partido progressista.

O ministerio venceu, mas o partido republicano affirmou perante as urnas a sua vitalidade levando agora á urna mais 2000 votos do que na eleição anterior em que havia combatido isolado.

Essa lucta, pois, mesmo perante a eloquencia dos numeros, não trouxe vantagens praticas algumas á monarchia apesar da victoria.

Mas quem avalia pelos resultados de uma eleição a estabilidade de uma instituição politica?

Ninguém. Repare-se para o Brazil na vespóra da revolução, quando o ministerio Ouro Preto havia levado á camara uma enorme maioria monarchica.

O ministerio illudiu-se lançan-

do com a eleição de Lisboa um repto ao partido democratico; e jogou uma cartada arriscadissima, embora com as maiores probabilidades de vencer. Porque vencendo, nada ganhou; e se perdesse ficava irremediavelmente esmagado.

As festas do Porto, onde apparece a cada momento apenas o elemento official e os pobres officiaes d'alguma fabrica arrobanhados, como carneiros, para dar os vivas do estylo, nada significam, não tem força para conjurar qualquer ponto negro, que a monarchia veja estar a accumuluar-se no horisonte.

Tristes festas as de que os reis foram alvo. Viram muitas fardas luzentes, muitas casacas, um mundo de empregados publicos a quem comem o *statuo quo*, a permanencia das instituições á sombra das quaes vão gozando os seus ordenados.

Mas o povo? Esse esconde-se ou fica indifferente ás bajulações dos cortezaes ou ás cortezas dos empregados.

Longe vão os tempos em que os monarchas eram delirantemente victoriados. Os tempos mudaram, e a revolução de janeiro veio provar que apenas por mera imprevidencia não está já entro nós implanta-lo o regimen democratico.

O povo sumiu-se ou presenciou indifferente as manifestações aos reis: mas inda que cooperou-se n'ellas o que significava isso?

Pouco tempo antes da revolta de janeiro a rainha D. Maria Pia e o seu ministro do reino, o snr. Antonio Candido tinham sido alvo de grandes manifestações monarchicas. Entretanto, na classe dos manifestantes, lavrava com fervor o fomento revolucionaria.

O ministerio atirou-se com ousadia ás eleições e ás festas. Em ambas venceu.

Segue com segurança o seu caminho: affasta virilmente os obstaculos de que está semeado, mandando para a cadeia os jornalistas menos timoratos.

Affasta os perigos e os estorvos, mas fica deante de si o vazio. Esgrime com moínhos de vento, porque o partido republicano, não podendo luctar a descoberto, fuge para as sociedades secretas, inicia um trabalho de capa a que os partidos monarchicos não estão acostumados e que por isso os pôde pilhar desapercibidos.

E' o papel do ministerio puramente negativo — destruir os adversarios das instituições; porém se elles desaparecem?

Por isso a audacia do governo manifestado na eleição e nas festas fica sem resultado algum.

A UMA CREANÇA

(Recordações do Furacão)

Dás-me um beijo branca flôr
Meu amor;
Dás-me um beijo?... Dás, ou não?..
Tens vergonha, medo, ou... quê?
Que eu t'o dê
Achas melhor, coração?...

Tu foges?... Ai que marota.
Toda rota...
E's mesmo um pobre da rua!
Vou buscar outra menina
pequenina,
Que se ri... que não amia...

E's tão má, tão má, tão má
Que não ha
Quem como tu seja assim!
Não te quero, vae-te embora...
Chora... chora...
Não te quero ao pé de mim!

.....
.....
Ai que feia! a chorar tanto!
Ai que pranto!
Volta, volta... era a brincar.
Eu gosto muito de ti...
Falla... ri...
Não te quero vêr chorar.

Assim! assim!... mais ainda!...
Como és linda
Rindo muito! és uma flôr!
Senta aqui ao pé de mim
Meu jasmim,
Minha estrella, meu amor!

Olha cá: se és avarenta
Não me tenta
Esse mal, que me faz bem.
Mesmo pobre, assim, desejo
Dar-te um beijo,
E não das nada a ninguem...

Não te quero o teu beijinho
Meu anjinho.
Não te quero nada... nada!
Mas emquanto houver desejos
Sempre beijos
Hei-de dar-te, minha fada!

Chega a tua face á minha
Creancinha:
Mesmo assim!... Has-de esperar...
Vae contando: um, dois tres... não!
Tantos são,
Que não se pôdem contar!...

Ora bem! 'stou satisfeito!
Doe-me o peito,
Mas enchi-me de beijar-te
.....
Como és bella, minha flôr
Meu amor!
Sempre, sempre, eu hei-de amar-te!

10 de maio de 1891.

João Quin.

Novidades

Feira do Martyr.—Esteve, no domingo, muito concorrida esta feira. O gado suino quasi occupava todo o triangulo comprehendido entre as duas estradas e a via ferrea.

Fizeram-se muitas transações, sendo o preço do gado bastante alto.

Na feira anterior, a primeira tinham os lavradores deixado os carros junto ás casas do sul, atrancando o caminho. Porém, domingo, a policia fez entrar para dentro da feira os carros, que iam entrar junto á estação. Com esta medida prestaram um bom serviço.

As más linguas.—O João da Sineira é um bom trabalhador. Andá desde pela manhã até á noute a sachar, a plantar uma horta sempre da melhor vontade, sem mostrar enfado ou cansaço, sem proferir uma palavra que desgoste alguém.

Mas, como não ha bonito sem senão, o nosso homem tem um defeito—não pôde passar um domingo, sem apanhar a borracheira, e então é d'aquellas de cahir no chão. Isto já lhe succede ha annos e sempre da mesma forma.

Com o vinho o João da Sineira é impertinente. Não arma desordens, porque mesmo nem fica em estado d'isso; mas torna-se massador, grita, ameaça o ceu e a terra.

Ordinariamente ia para casa arrastado pela mulher, que pacientemente lhe aturava o berreiro e o ajudava a levantar quando cahia. Chegado a casa continuava o berreiro e uma vez ou outra a pobre mulher apanhava o seu *soquete*.

Ao outro dia o João levantava-se cedo para o trabalho e andava toda a semana na lufa-lufa para ganhar o jornal. Se lhe fallavam na ultima borracheira sorria-se e não se lembrava do que tinha feito. Tratava bem a mulher a quem estimava.

Na segunda-feira passada o João da Sineira não teve trabalho por causa da chuva, e, á noute, estava n'uma taberna quando o foram chamar dizendo-lhe que a mulher estava em casa, estendida por morta. O João foi e mal viu a mulher sem sentidos começou a chamar por socorro. Acudiram os vizinhos e um cunhado, o Canario foi em procura de medicos.

D'ahi a momentos a pobre mulher estava morta.

Os ditos, ás más-linguas começaram a urdir a teia. Dizia-se que havia testemunhas para provar em como o João tinha momentos antes espancado a mulher e sem duvida ella tinha sido victima d'essas pancadas. Uma testemunha assegurava que ouvira o assassino jurar que havia de matar a mulher.

E esta lenda ganhou taes raizes que foi apresentada uma queixa á auctoridade administrativa. O João que adoeceu em virtude do abalo causado pela morte da mulher, viu-se cercado per dois policiaes, isto desde terça feira pela manhã.

O snr. administrador do concelho participou as suas suspeitas

ao poder judicial, o a morta fo removida para o hospital, onde na terça feira de tarde, se procedeu á autopsia.

Verificaram os peritos snrs. drs. Amaral, Lopes e Baptista que a mulher havia sido victima d'uma congestão cerebral não apresentando vestigios de qualquer espancamento. As más linguas e as taes testemunhas ficaram desapontadas.

Ora imagine-se que os boatos apenas começaram a correr passados quatro ou cinco dias, quando já se não podesse realizar a autopsia. O pobre homem, á face de taes depoimentos era pronunciado sem fiança e talvez condemnado. Quem o indemnitaria? quem o indemnizará do susto e do desgosto que soffreu, vendo-se preço no proprio dia do fallecimento de sua mulher e accusado d'um crime repugnante?

Para taes linguas era necessario um correctivo:—talvez um processo de policia correccional bastasse.

Pesca.—Está quasi finda a safra na nossa costa.

Em um dia ou outro ainda os pescadores fazem caminho, mas os proprios senhorios são os primeiros a não querer tirar os aparelhos da pesca, que já estão recolhidos nos palheiros.

Entretanto ainda nas costas visinhas trabalham; e é quando chega a noticia d'algum grande lanço de sardinha, que se tocam as buzinas a chamar os homens para o trabalho.

Foi este anno uma safra má porque pouco resultado deu, e triste porque lá ficaram no mar uns poucos de homens.

Oxalá a futura seja melhor —mais productiva e menos sinistra.

Furtos.—Vae mal a epocha. Alastra se por ahi a miseria; e quando a fome bate á porta a vergonha sabe pela janella.

Começaram já por ahi uns pequenos furtos. Agora repetem-se, e mal vae se os larapios findam impunes, porque ganham audacia.

Os ultimos furtos foram feitos na Arruella.

Ao nosso amigo João de Pinho Carlota, da rua do Bajunco, levaram-lhe todos os *bicos* que tinha no poleiro.

Ao João Cantaneiro da Poça dois lençoes.

Ao creado do nosso amigo dr. Delcalço Coentro, nove *bicos*.

Pelos pinhaes particulares é um destroçar medonho.

Desastre.—Na segunda-feira, quando o nosso amigo Manoel Antonio Lopes Junior, da rua do Bajunco, montava um cavallo, ao chegar ao largo de S. Miguel, foi cuspidado da sella e cahindo partiu a clavícula esquerda.

Foi-lhe já feita a operação competente, sentindo o nosso amigo algumas melhoras.

Fazemos votos para que em breve se restabeleça.

O TEU OLHAR

Oh! anjo do céu! não me fites assim
que d'esses teus olhos me queima o fulgor!
Não olhes por Deus! não me fites amor!
Não vês que me abrazas? Ai! pobre de mim
que não posso vê-te
sem ter de dizer-te:
Oh! anjo do céu! não me fites assim!...

Que mago condão que não tem esse olhar!
Tu vês as estrellas que brilham no céu
de rostos de prata? Do que esse olhar teu
têm menos fulgor e têm menos brilhar.
Oh! casta açucena!
Oh! linda morena!

Que mago condão que não tem esse olhar!

Eu fujo de ti receando abraçar-me!
Mas ouve: se acceitas o amor que te juro
se acceitas o affecto mais santo e mais puro
se juras que d'hoje pr'a sempre has-de amar-me,
Oh! meu branco lyrio!
Eu quero o martyrio...
Não fujo de ti, porque quero abraçar-me!

Desejo beber essas chammas d'amor
que são como a lava d'um grande vulcão.
Rebentam do fundo do teu coração
Depois n'esses olhos rebrilham d'ardor!
Eu posso morrer
Mas quero beber
Desejo beber essas chammas d'amor!

Não fujas, não fujas! eu amo-te flôr!
Não fujas que eu quero encostar-me ao teu seio
e longe do mundo, n'um mystico enleio
sorver n'esse olhar, em mil raios d'amor
As tuas caricias,
Um mar de delicias!...
Não fujas, não fujas!... eu amo-te, flôr!...

Furadouro, 5 d'outubro de 1891.

João Quin.

As contribuições — Foram julgados procedentes todos os recursos interpostos da deliberação da junta dos repartidores da contribuição industrial, deliberação que havia desattendido as reclamações feitas por todos os que haviam sido collectados como agiotas.

O tribunal administrativo não podia julgar por outra fórma esses recursos, visto que todos iam instruídos com documentos comprovativos de que n'esta villa ninguém, absolutamente ninguém exerceu o agio, e foram esses documentos passados pelos informadores da junta, os quaes se collocaram em aberta opposição com esta.

O que agora se passou com os collectados agiotas, demonstra que vamos enfim ganhando juizo, deixando-nos d'essa guerra absurda em que sómente uns procuravam fazer mal aos outros.

Era no lançamento das contribuições que maiores vinganças se exerciam. D'antes figuravam na matriz da contribuição de renda de casas de todo o concelho 40 ou 50 predios. Depois em pouco tempo, mesmo nas freguezias rurais, subiu o numero a centenas, entrando curraes até.

Na matriz industrial entraram toda a gente e escolheram as taxas mais pesadas para que a vingança fosse completa. E onde a politica era mais rancorosa, com mais peso cahiram as contribuições. Vallega pôde servir de exemplo d'isto.

E' bem de ver que, estando no poder ora um partido ora ou-

tro vez á vez tinham de ser victimas os correligionarios. Mas o gravame do imposto que fôra feito aos primeiros não se alliviava completamente, nem se alliviou com o facto do novo gravame imposto aos seus adversarios. D'isto resultou que a contribuição industrial, sumptuaria e renda de casas augmentou espantosamente no concelho devido só intrigas e vinganças politicas.

Quem lucrou com isto?

Apenas o Estado e alguns empregados publicos. O povo, a gente dos partidos perdeu sem nada lucrar.

E', pois, necessario que, por alguns annos, façamos o contrario do que temos vindo fazendo: é necessario seguir o mesmo processo, agora empregado nos recursos dos agiotas.

São as contribuições, que oneram o concelho, bastante pesadas, não as aggravemos com os nossos odios e com as nossas vinganças. Pelo contrario, suavizemol-as o mais possivel, attendendo ás reclamações dos interessados, independentemente de politica.

Exemplifiquemos.

Especulando com as nossas vinganças politicas, um dos escriptores da fazenda creou ha dois ou tres annos uma nova classe de contribuintes — os merceeiros.

Ora antes estavam elles todos classificados como tendeiros.

Como só em virtude de reclamação sua podem voltar para a antiga taxa, devem reclamar em tempo competente.

Como a junta dos repartidores é na sua maioria, formada por

conterraneos nossos e como é do interesse de todos que o concelho pague o menos possivel, essa reclamação ha-de ser attendida independentemente de côr politica, porque acima de tudo deve estar o interesse da terra e o principio — *hoje por vós e amanhã por nós*. Se por um accaso a junta, composta de empregados publicos aferrados aos interesses do governo, indeferir as reclamações, recorramos e fundamentemos os recursos com os attestados dos informadores que... nunca são empregados publicos.

O que se dá com os merceeiros, serve de exemplo aos outros contribuintes, assim como a essa enorme caterna de simples artistas classificados como mestres.

Com este processo simples, unindo-nos todos para a defeza dos nossos interesses, ver-se ha depressa baixar o rendimento dos impostas, ficando nós a pagar o que sómente devemos pagar.

E' facillimo chegar a este resultado, como foi facil tirar da matriz a collecta dos agiotas áquelles que alli, por alguns dias figuraram.

E' já tempo de ganhar juizo. Com as nossas vinganças mutuas nada mais fazemos do que prejudicar-nos.

Se está nas nossas mãos corrigir o peso dos impostos directos porque o não faremos?

Bernardo da Costa —

Retirou-se do Furadouro, na sexta-feira o nosso ex.^{mo} amigo Bernardo José da Costa Basto.

Foi s. ex.^a um pouco restabelecido da grave doença que intimamente o accomteu.

Monte-pio — E' indesculpável a falta de previdencia dos

artistas vareiros, uma classe bastante numerosa e importantissima.

Durante o vigor da idade vivem n'uma relativa abundancia, porque se entre nós os salarios não são muito elevados, tambem a vida é muito barata. Chegando porém a velhice luctam com innumeradas difficuldades e alguns tocam a miseria.

Os exemplos estão ahí á vista como espelho dos novos.

Valia, pois, a pena a estes sacrificar um pouco ao futuro as suas commodidades e vicios presentes, creando e fundando uma associação de soccorros mutuos — um monte-pio.

E' isto o que se tem feito por todas as terras, mesmo as mais insignificantes, onde a classe dos artistas não chega a ter a importancia da da nossa terra.

E com pouco, muito pouco es estabeleceria esta associação.

Qualquer pessoa elaboraria uns estatutos. E a approvação d'estes pelo governo nada custaria, como é de lei. O governo até forneceria para a associação os livros necessarios. Bastariam 20 socios para começo da sociedade.

Nada mais facil do que arranjar isto. E porque se não faz?

E' na verdade uma imprevidencia, uma falta de iniciativa verdadeiramente condemnavel.

O comboyo real — Na

quarta-feira, quando o comboyo real passou para o Porto, estava bastante gente na capella do Martyr, junto á linha.

Como não havia manifestantes na estação o comboyo não parou; e o povinho do Martyr ficou a... a ver navios.

Paços do concelho —

A camara já pediu auctorisação para contrahir um emprestimo de 14 ou 17 contos de reis destinado aos novos paços do concelho.

E' possivel que no anno de 2000 a obra esteja principiada.

Oxalá nos enganemos.

Sempre queriamos saber o que é que a camara tem feito aos rendimentos camararios. Não consta que fizesse uma obra de vulto: tem deixado estragar tudo, chegando a desgraça a não mandar concertar um banco só da alameda dos campos.

Agora é de prever o que succederá ao emprestimo, se se contrahir.

Entretanto veremos, como diz o cego.

Furadouro — A morte de

Manoel Coelho originou no Furadouro uma debandada quasi completa.

A praia com as suas casas fechadas tem um aspecto triste.

Nem mesmo nos palheiros dos pescadores se vê uma porta ou janella abertas.

Na Allemanha — Multi-

plicam-se na Allemanha os krachs financeiros. Na cidade de Unna (Westfalia), causou grande sensação a fuga do banqueiro H. Herbrecht, o qual praticara falsificações que excedem o valor de 100:000 marcos. O fugitivo foi preso no caminho de ferro, e o seu guarda-livros suicidou-se.

A exposição de Palermo —

A exposição nacional foi inaugurada ás duas horas e meia da tarde, em presença da familia real, presidentes do Parlamento, autoridades, deputações de toda a Sicilia.

Tanto no palacio da exposição como nas ruas a multidão era enorme, e a familia real foi alvo de continuas ovações.

Discursaram o principe de Campo Reale, presidente da exposição, e o sr. Chimirri, ministro da agricultura.

O ministro inaugurou a exposição em nome d'el-rei, «o simbolo vivo da granda patria italiana, que se sente orgulhosa de, á sombra da bandeira de Saboia, se tornar uma nação armada, um laboratorio de homens de estudo e um povo de trabalhadores.»

O congresso da paz —

Ao encerrar os seus trabalhos, o congresso da paz approvou uma proposta para que fosse dirigido um convite aos governos europeus afim de submeterem a arbitragem os seus dissentimentos.

O proximo congresso realizar-se-á em Berne.

O eclipse de domingo —

O eclipse lunar de domingo que foi invisivel para Paris, pôde ser observado e photographado na America nos observatorios d'Harvard, d'Amherst e de Alleghamy. Em New-York e nas visinhanças da grande cidade americana, os astrónomos ficaram tão desapontados como os de Paris. Agora não haverá mais eclipse total da lua antes de 17 de março de 1895, ás tres horas da manhã. Será a volta do eclipse de 27 de fevereiro de 1877, como o de domingo era a volta do eclipse de 4 de novembro de 1873. Os eclipses são effectivamente regulados por um cyclo de 18 annos, 11 dias e 7 ou 8 horas.

Não haverá eclipse de sol visivel em França antes de 28 de maio de 1900; o proximo eclipse visivel em Paris, só se dará em 17 de abril de 1912 ao meio dia e um quarto e só durará alguns segundos. Depois ha que esperar até 11 de agosto de 1999, — cento e oito annos, — para se ver produzir um eclipse de sol que durará dous minutos e meio.

Bonitos calculos.

Noticias varias — O «Jornal da Alsacia» noticia que um

soldado ha pouco alistado n'um regimento d'artilheria, em Strasbourg, se suicidou por não poder tirar desforra d'uns maus tractos que lhe inflingiu um official inferior.

Foi aberto um inquerito.

— O parlamento allemão reabriu ante-hontem. Não houve discurso da coroa.

Os deputados socialistas tencionam interpellar o governo sobre a condemnação inflingida pelo tribunal de Chemnitz a um deputado socialista d'alli.

— O principe Jorge de Galles melhorou da febre que o atacara.

— A' vista do porto de Bude, em Cornouailles (Inglaterra) appareceu ha dias um navio em chammas.

Sahi logo um barco salvavidas para recolher a tripulação, se ainda estivesse a bordo, mas viu-se que o navio havia sido abandonado. Levava um carregamento de petroleo e naphta.

Os tripulantes em numero de nove homens, appareceram depois a bordo d'um escaler.

— Em Bruxellas (Belgica) deu-se um grave conflicto entre uns trinta militares e a policia. Houve ferimentos de parte a parte.

— O congresso da paz em Italia resolveu convidar todos os governos europeus a submeter todas as questões internacionaes á arbitragem.

— N'um comicio realisado pelo Exercito de Salvação, em Omaha, no Nebraska (Estados Unidos) em honra da marechala Booth Clibborn, que regressava de França, miss Nettie Biedlar, uma das associadas d'aquella agremiação fez saltar os miolos com um tiro de revolver, depois de haver tentado assassinar um capitão chamado Smith.

Parece que foi uma questão de ciumes, o mobil d'aquella allucinação.

— Averiguou-se afinal que o deputado socialista Lafargue, eleito por Lille (França) é hespanhol.

Vae ser invalidada, pois, a sua eleição.

Litteratura

HISTORIA VULGAR

I

Uma velha historia esta: velha como a terra e, no entanto, verdadeira sempre. Fará rir? fará chorar? Nem uma cousa nem outra ou ambas as cousas talvez, pois que é a um tempo desconso-ladora e burlesca.

Annuncios

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

O nosso programma é simples e traça-se em poucas palavras.

A Empresa creando esta nova collecção de VOLUMES A 100 REIS, propõe-se apenas a um fim, o vulgarisar por meio de uma publicação, feita em excellentes condições materiaes, e por um preço infinitamente barato, as obras dos romancistas mais distinctos e conhecidos, constituindo assim uma *Bibliotheca Popular*, verdadeiramente digna d'este nome.

Não damos premios, nem offerecemos brindes. O verdadeiro brinde e o notavel premio, está na extraordinaria barateza da publicação, barateza que não tem rival, podemos affiançal-o, não dizemos já no nosso paiz, porque isso seria escusado, mas em todos os centros do mundo onde se tem estudado as edições economicas.

Cada volume de 100 réis, levará 300 mil a 600 mil letras de impressão!!!

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 réis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTÕES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão—O *Castello da Raiva* de L. Stapleau—*Um drama de revolução* de Ernesto Daudet *Mont Oriot*, de Guy de Maupassant.—*O grande industrial* e *Sergio Panine* de George Ohnet.—*Clotilde* de Alphonse Karr.—*Sapho* de A. Daudet.

CONDIÇÕES DAS ASSICNTUR

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empresa da BIBLIOTHECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde o mais fina seda até ao mais baixa algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão, pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'este casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoa-competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

POR

L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empresa editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

VIDA

DE

LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELLAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

2.ª EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castellar e de Lord Byron.

1 vol. br. 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Continho,
—Editora. Rua dos Caldeireiros,
18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO

DE

Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, **50 REIS**
A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes
EDITORES BELEM & C.
26, Rua do Marechal Saldanha,
26—LISBOA.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes) 1\$200
Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigrosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de *França e Hespanha.*

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SA

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Preço de cada fasciculo, 120 réis.
Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de infantaria

e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.ª

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENIELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **multo reduzidos** para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo**



EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.